



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO,
CIÊNCIA E TECNOLOGIA
Campus Brasília
Curso de Licenciatura em Dança**

ELZA DE FÁTIMA DOS SANTOS

**EXPERIÊNCIAS EM DANÇA COM ESTUDANTES
DO ENSINO FUNDAMENTAL: deixar dançar a criança.**

BRASÍLIA
2018

ELZA DE FÁTIMA DOS SANTOS

**EXPERIÊNCIAS EM DANÇA COM ESTUDANTES
DO ENSINO FUNDAMENTAL: deixar dançar a criança.**

Trabalho apresentado ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – IFB, Campus Brasília, como pré-requisito para obtenção de Certificado de Conclusão de Curso da graduação da Licenciatura em Dança.

Orientador: Prof. Esp. Fernando Antônio de Alvarenga Grossi.

Brasília
2018

ELZA DE FÁTIMA DOS SANTOS

**EXPERIÊNCIAS EM DANÇA COM ESTUDANTES
DO ENSINO FUNDAMENTAL: deixar dançar a criança.**

Trabalho apresentado ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – IFB, Campus Brasília, como pré-requisito para obtenção de Certificado de Conclusão de Curso da graduação da Licenciatura em Dança.

Orientador: Prof. Esp. Fernando Antônio de Alvarenga Grossi.

Aprovado em:

Brasília, ____ / ____ / 2018.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dra. Cínthia Nepomuceno Xavier

Prof.^a Ms. Raquel Purper

Orientador Prof. Esp. Fernando Antonio de Alvarenga Grossi

Dedico esse trabalho...

“...aos meus filhos Marcus e Camila que tanto me apoiaram nessa trajetória acadêmica. Fase de conflitos e dilemas, voltar a estudar, depois de tantos anos afastada da sala de aula e dos estudos foi um desafio diário. Não poderia deixar de dedicá-lo também in memoriam à meu avô tão amado que foi parte importantíssima na minha infância, são lembranças maravilhosas em sua companhia. In memoriam a meu filho Eduardo que tanta falta faz em minha vida”

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço imensamente a Deus que sempre me sustenta e me faz seguir em frente.

Ao meu professor orientador Fernando Antônio de Alvarenga Grossi, por sua paciência incomensurável e dedicação na construção desse trabalho.

Em especial aos professores, Cíntia Nepomuceno Xavier e Raquel Purper.

À Professora Larissa Ferreira pelas palavras de força e coragem no momento de dúvidas e conflitos quando pensei em desistir do curso.

Ao PIBID- Projeto de Iniciação à Docência. As minhas colegas do PIBID: Katyssinara, Raquel Borges e Maria Diana.

Ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia. Campus Brasília com toda sua equipe de professores.

EPÍGRAFE

“Perguntas e Respostas”

“O dia mais belo? Hoje.

A coisa mais fácil? Errar.

O maior obstáculo? O medo.

O maior erro? Abandono.

A raiz de todos os males? O egoísmo.

A distração mais bela? O trabalho.

A pior derrota? O desânimo.

Melhores professores? As crianças.

A primeira necessidade? Comunicar-se.

O que mais lhe faz feliz? Ser útil aos demais.

O maior mistério? A morte.

O pior defeito? O mau humor.

A pessoa mais perigosa? A mentirosa.

O sentimento mais ruim? O rancor.

O presente mais belo? O perdão.

O mais imprescindível? O lar.

A rota mais rápida? O caminho certo.

A sensação mais agradável? A paz interior.

A proteção efetiva? O sorriso.

O melhor remédio? O otimismo.

A maior satisfação? O dever cumprido.

A força mais potente do mundo? A fé.

As pessoas mais necessárias? Os pais.

A mais bela de todas as coisas? O amor.”

(Madre Tereza de Calcutá)

RESUMO

Este trabalho busca analisar a relevância do ensino da dança no ensino regular a partir de uma experiência como bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) da Capes. Este programa visa fomentar a iniciação à docência de estudantes de licenciaturas em escolas públicas. Para esta análise, reuniu bases teóricas que falam da relevância da dança e da dança no ambiente escolar, e busca compreender como aquelas ponderações ingressam em um currículo específico de uma escola pública do Distrito Federal. Conclui com um relato da experiência desenvolvida em uma escola pública de ensino fundamental no Distrito Federal, relacionando-o com os conceitos teóricos aprendidos com a parte inicial desta pesquisa.

Palavras chave: PIBID, Dança, Ensino-Aprendizagem, Relato de Experiência.

ABSTRACT

This work seeks to analyze the relevance of dance education in regular education schools based on an experience as a fellow of the Capes Institutional Scholarship Program for Initiation to Teaching. This program aims to foster the teaching of undergraduate students in public schools. For this analysis, it gathered theoretical bases that speak of the relevance of dance as an art and in the school environment, and seeks to understand how these weights enter a specific curriculum of a public school in Federal District. It concludes with an account of the experience developed in a public elementary school in Federal District, relating it to the theoretical concepts learned from the initial part of this research.

Key-words: PIBID, dance, teaching-learning, account of experience.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Foto 1: área externa da escola CEF 410.....	36
Foto 2: área externa da escola CEF 410.....	37
Foto 3: aula na área externa do CEF 410.....	37
Foto 4: na sala de aula do projeto dança (43,74 m²).....	38
Foto 5: da apresentação no pátio da escola no final do semestre.....	39
Foto 6: da apresentação no pátio da escola no final do semestre.....	39

Fotos **arquivo pessoal da autora.**

Sumário

1 INTRODUÇÃO	10
2 JUSTIFICATIVA.....	12
3 Objetivo Geral	14
3.1 <i>Objetivos Específicos.....</i>	14
4 Metodologia	15
5. DANÇAR: MOVIMENTO, CORPO E ALMA	17
5.1 <i>Movimento natural do sujeito</i>	17
5.2 <i>O movimento, o corpo e a expressão.....</i>	18
5.3 <i>Dançar de corpo e alma.....</i>	21
6 Dançar na escola.....	23
6.1 <i>Bases conceituais.....</i>	23
6.2. <i>Deixar dançar: a relação ensino-aprendizagem</i>	26
6.3 <i>Dança no currículo escolar oficial</i>	29
7. 410 Norte	32
7.1 <i>Centro de Ensino Fundamental 410 Norte</i>	32
7.2 <i>A dança no Centro de Ensino Fundamental 410 Norte.....</i>	34
9 CONCLUSÃO	43
10 REFERENCIAS.....	45

1INTRODUÇÃO

A arte é uma forma de atividade humana pela qual seres privilegiados podem comunicar a outros as sensações e sentimentos que eles próprios experimentaram.
LievTolstói.

Este trabalho apresenta um relato de experiência de uma graduanda do curso de Licenciatura em Dança do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília/IFB. Durante cerca de um ano e meio tive a oportunidade, o privilégio e o desafio de participar da introdução e da inserção da dança na realidade dos estudantes do Centro de Ensino Fundamental 410, Asa Norte Brasília – DF. Essa ação ocorreu como resultado de investimentos do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) fomentado pela CAPES, programa do qual fiz parte como bolsista no subprojeto “Dança” naquele período e escola.

Aqui se apresenta parte do resultado de uma experiência que teve a intenção de analisar e detectar se a dança na escola contribui para formação de sujeitos mais independentes e participativos na comunidade escolar. Pois somos afetados pelas pessoas e o ambientes em que vivemos, e também os afetamos o tempo todo, com atitudes ou com a falta delas. Isso se reflete em nosso comportamento e nos permite viver diferentes dilemas e conflitos no cotidiano e na sociedade.

O relato reflete essa dinâmica que teve início no segundo semestre de 2016 e que continuou ao longo de 2017, e que foi realizado em uma escola do Plano Piloto que recebe estudantes de 11 a 16 anos, da 5ª à 9ª série. Eles são, majoritariamente, do entorno do DF: Paranoá, Sobradinho, Gama, Guará e Águas Claras entre outras. As aulas eram formatadas conforme a idade e desenvolvimento dos estudantes.

A comunidade escolar, até então, não tinha experiência com a dança no componente curricular e ela foi bem recebida pelos estudantes, que gostaram das atividades; aceitaram a proposta com o interesse e a vontade de viver novos desafios. Porém, tudo que é novo pode gerar estranheza, e essa ocorreu conforme se verá.

Tive como objetivo apresentar movimentos que incentivassem a criatividade e a curiosidade dos alunos. Para isso desenvolvi aulas teóricas que buscassem suas memórias e suas experiências para complementar as aulas práticas, sobre suas

possibilidades corporais, conforme aprendido no curso de Licenciatura do IFB/Campus Brasília. Dados e informações encontrados na Pesquisa Bibliográfica e na Pesquisa Documental que orientam as discussões teóricas. Busquei a participação, envolvimento e o comprometimento dos estudantes com a práxis realizando pesquisa-ação de movimentos a partir da dança e do cotidiano das crianças. Nossa proposta era voltada para a experimentação criativa e a ludicidade, prática que propiciou esta reflexão e relato de experiência.

Apoiei-me, antes do projeto, em Piaget e Bock que descrevem o desenvolvimento humano por fases, sendo uma delas a “adolescência”, período das operações formais (2008, p.121). Dizem, ainda, que nesta fase os adolescentes são capazes de lidar com conceitos de um modo geral, referenciando-se no que esses conceitos realmente significam. Além disso, têm capacidade de reflexão espontânea sobre diversos assuntos. É importante para eles que seja incentivada a vivência nas artes, sendo a dança uma das formas criativas que oferece oportunidade e possibilidade de autonomia para criar. Tendo em conta essas informações e reflexões, ingressei no projeto, na escola e nesta pesquisa. Minha intenção era conhecer, analisar e discutir esta dança no âmbito escolar. O resultado deste trabalho é o que se encontra em suas mãos. Seja bem-vindo.

2 JUSTIFICATIVA

O PIBID vem oportunizar aos estudantes de licenciatura um verdadeiro laboratório de práticas pedagógicas em Dança nas escolas da rede pública de ensino do DF. Durante a graduação nos IES, os futuros professores têm a oportunidade de viver a experiência na prática dentro do programa PIBID, o que lhes permite a familiarização de estratégias utilizadas para aprender a produzir e fazer uso de recursos e metodologias no ensino, construir conhecimento no contexto escolar com a prática e vivência profissional.

O PIBID-Dança ao estar em contato direto no contexto escolar com estudantes do ensino fundamental e médio, visa incentivá-los a reflexão, autoconhecimento corporal e suas possibilidades. Despertar e estimular o interesse para o movimento, criatividade, a expressividade, a apreciação estética experimentando elementos básicos da dança, sem estrilá-la a estilos.

Sempre fui muito observadora, curiosa e, por vezes, me deparei encantada e perplexa observando os transeuntes nas ruas, falando, gesticulando, caminhando e carregando suas bolsas e sacolas. Percebia, em cada sujeito, sua corporeidade. E refletia: externamente os corpos parecem todos iguais, contudo, se observarmos mais atentamente, a movimentação corporal é única em cada sujeito. Somando-se a isso, tem a personalidade: somos únicos e isto se refletia em cada corpo com sua complexidade. O modo como cada um se movimentava era, para mim, como uma “impressão digital”, pessoal e intransferível.

Em minha percepção o ser humano é por natureza um animal curioso; interagimos e interpretamos o mundo a partir de nossas observações, sensações e emoções. Acredito que as artes (dança, música, teatro, pintura entre outras...) têm um papel importante como integração do indivíduo e nossas intrincadas relações sociais. A convivência social é uma via dupla, onde afetamos e somos afetados. A dança na escola é movimento, só se aprende a fazer, fazendo; pensando, refletindo, contextualizando e valorizando a expressão e o autoconhecimento. Talvez essa seja a sua contribuição na construção de sujeitos mais independentes e autoconfiantes.

Eu levo em conta os vários benefícios que a prática de dança me oferece: contribui para a minha saúde física; engloba coordenação motriz, reorganizou a minha postura física com mais consciência corporal, desenvolveu novas habilidades e melhorou a minha memória, enriqueceu a sociabilidade e os afetos. Acredito que é

importante proporcionar o mesmo aos meus alunos, tornando-os mais criativos e alegres. Além de incentivá-los à autonomia ao questionar a si e ao mundo.

No curso de Licenciatura em Dança do IFB, a sala de aula com os meus colegas, e nos estágios e com o projeto PIBID, ponderei essas reflexões e compartilhei minhas observações sobre os transeuntes em seu cotidiano. E confirmei o que suspeitava: dança é movimento corporal e consciência, que nasce de uma dificuldade sobre como é a intenção e a origem do movimento, e como se finaliza esse movimento. Estudar Licenciatura em Dança e realizar esta pesquisa me permitiu perceber e visualizar esse percurso em meu corpo, nas aulas dos professores, e na corporeidade de meus alunos, objetos dessa pesquisa.

3 OBJETIVO GERAL

Compreender o papel da dança na Educação.

3.1 Objetivos Específicos

Descrever as bases conceituais da dança;

Relatar as bases conceituais da dança na escola;

Descrever a 410 Norte e seu PPP;

Apresentar o relato de uma experiência de dança na escola.

4 METODOLOGIA

Esta pesquisa consiste em estudo e relato de caso, em que os objetos de pesquisa foram estudantes do ensino básico e o foco, aulas de dança. É uma pesquisa qualitativa porque foram observadas as relações de comportamento e envolvimento dos estudantes entre si, entre os colegas e a comunidade escolar, e no dia a dia das aulas.

Dessa forma, as atividades foram conduzidas considerando a relação entre a realidade objetiva e escolar e a subjetividade do sujeito-relação que não pode ser traduzida em dados e números. Observações e interpretações são as bases desse proceder e processo. As aulas são fontes diretas de coleta de dados e a relação professor/aluno é o “instrumento-chave”, pois o processo das aulas e seu significado são o foco da observação e da interpretação dos dados. Para Lakatos e Marconi (2003, p.223): “O estudo qualitativo apresenta-se como recurso de pesquisa, tanto na educação quanto nas ciências comportamentais. Seu valor está baseado na premissa de que problemas podem ser resolvidos e as práticas melhoradas através das análises”. A pesquisa qualitativa diz que “há relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito”. Assim a interpretação e a atribuição de significados são básicas, mas não requer uso de métodos e técnicas estatísticas, pois “o ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave”. Daí é uma pesquisa muito descritiva e indutiva, em que o processo e seu significado “são os focos de abordagem”. (p.20 idem).

Da observação direta intensiva, utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade, contudo não consiste apenas em ver e ouvir, mas também em examinar os fatos e os fenômenos que se deseja estudar. A observação foi sistemática, não-participante, individual e feita sobre aulas práticas-na vida real-, como dizem Silva e Menezes (2005, p.22) – em condições de aula prática e na prática da aula. E a entrevista com os colegas, professores da escola 410 Norte, e com os estudantes, numa conversação face a face, de maneira metódica; mas não-estruturada (p.222) Pois a finalidade da pesquisa não deve ser um relatório ou a descrição de fatos levantados empiricamente, “mas o desenvolvimento de um caráter interpretativo, no que se refere aos dados obtidos” (LAKATOS e MARCONI,p.224 idem).

Os sujeitos que compõe a parte principal dessa pesquisa foram os estudantes da escola CEF 410 Asa Norte-DF, alcançados dentro de um subprojeto de dança tocado na escola, com o apoio e supervisão do PIBID/CAPES. As aulas aconteceram uma vez por semana a cada turma, com aproximadamente 30 alunos do ensino Fundamental em cada sala. As aulas teóricas e práticas com duração de 50 minutos que sustentaram essa pesquisa foram ministradas no segundo semestre 2016 e, durante o ano 2017.

Os dados coletados aconteceram nas aulas e no contato direto com os estudantes, o que permitiu maior e melhor interação entre docente e discentes. Essa pesquisa utilizou como referencial bibliográfico teorias de autores e pesquisadores de dança no contexto escolar que serviram de base e inspiração para planos de aulas e apontou a opinião, entendimento de alguns sujeitos pesquisados com relação à dança no contexto escolar.

Foi realizada uma experiência em dança no contexto escolar, com o intuito do desenvolvimento pessoal e crítico do pesquisador, objetivando auxiliá-lo na construção de aulas que promovessem sujeitos mais reflexivos, críticos e participativos no ambiente escolar e na sociedade.

5. DANÇAR: MOVIMENTO, CORPO E ALMA

5.1 Movimento natural do sujeito

A dança é um ato natural do indivíduo e o ritmo faz parte de tudo que existe no universo; é um impulso, o estímulo que caracteriza a vida. Está presente na natureza, e acontece mesmo antes do nascimento do bebê. Na vida intra-uterina o nascituro tem contato com o movimento, embora em espaço limitado o qual não impede que o movimento aconteça. Pelo contrário, é possível e desejável para o desenvolvimento fetal, e as funções orgânicas, pois após o nascimento surgirão novos desafios e movimentos; em novos espaços e em ambientes mais amplos e variados, segundo Dionísia Nanni (2008,p.3) “a criança irá reinventar todo processo evolutivo da humanidade (a antogênese repete filogênese) e na medida que ela reinventa o mundo, desenvolve sua inteligência”.

Érica Verderi (2009,p.61) diz que o homem se caracteriza por essas manifestações corporais que expressam seu interior, agora exteriorizado pelo gesto -no movimento, qualquer que seja ele. Movimento que se torna cada vez mais importante, complexo e necessário para a nossa sobrevivência e boa qualidade de vida. É aqui e agora no mundo que tudo acontece: o contato com outras pessoas, objetos, luzes, sons, ruídos e barulhos, música e cores; tudo nos envolve, sensibiliza provoca e estimula na fruição do movimento.

Batendo palmas, batucando objetos ou mesmo com músicas, percebe-se como os bebês respondem com mais intensidade e entusiasmo, tentando acompanhar com movimentos ritmados esse som. Dessa forma, ainda sem ter consciência, os bebês estão “dançando”. Os gestos podem traduzir o indizível e, em certos momentos, podem substituir palavras. E se observarmos os gestos, expressões corporais, quase sempre conseguimos sentir e compreender a mensagem que ele carrega. Nos toca e nos afeta, embora esse “sentir” possa ser diferente de pessoa para pessoa.

A dança faz parte da comunicação do homem e, sempre esteve presente nas mais diversas situações. Ele dançava para a sedução de suas parceiras, para o namoro, acasalamento e procriação; para agradecer e comemorar a colheita, a chuva, o sol; o nascimento de filhos ou em datas festivas e sociais. De acordo com Dionísia Nanni (p.15), desde os primórdios da existência do homem que os fatores

“tempo e espaço” expressavam as diferentes dimensões socioculturais, os diferentes aspectos políticos da evolução dos estágios civilização em que o mesmo se encontrava.

Em dança, pode-se estudar (...) os primórdios da civilização manifestos em danças rituais (até as) criações contemporâneas. Pode-se analisar as diferenças entre estilos de uma escola a outra, inseridas, ambas, em uma mesma técnica. Podem-se estudar, por uma vertente antropológica, as diferentes manifestações populares (sacras ou profanas), compreendendo o processo de tradição e ruptura, regra e transgressão, memória e inovação. Podem-se estudar as interfaces com outras áreas do conhecimento, psicologia, comunicação, educação, sociologia, saúde entre outras. (STRAZZACAPPA, 2006, p.56).

Mudam-se os tempos, as gerações, os tipos e ritmos de danças, porém a dança continua fazendo parte de nossas vidas e da sociedade. Sendo assim, muitos de nós tomamos contato com datas comemorativas que nossos antepassados celebravam com danças, símbolos e significados no contexto em que viviam.

5.2 O movimento, o corpo e a expressão

Os gestos podem realizar o indizível. Na/com a dança eu me perco de mim para me encontrar. Dançar é comunhão, conjunto de gestos que expressam e, para mim, podem ser mais explicativos, pois, muitas vezes, as palavras não dão conta da expressão. Dançar é permitir-se vivenciar as inúmeras possibilidades do aqui e do agora. A sensação de criar é libertadora, é algo muito sério, mas também é um jogo de erros e acertos, e pode ser uma brincadeira.

De acordo com Dionísia Nanni (2008), e pensando o sujeito como ser aberto a novas informações e reagindo a elas, crianças e adultos precisam ser estimulados em seu potencial criativo para ousar investigar-se e permitir-se em novos movimentos. Quando criamos, a vida se transforma e evoluímos como pessoa. Criar é ousar, é questionar, transformar, jogar, renovar e se conhecer no mundo e com o outro (idem,p.3).

No livro “Fundamentos Estéticos da Educação” (1988) João Francisco Duarte Jr. diz (p.96) que podemos acessar diversos conceitos teóricos que tratam da relação entre arte e criatividade. Citando Tardy (p.95), afirma que é preciso entender as mudanças estéticas juntamente com as transformações do pensamento e que esta inovação dá ênfase à sensibilidade na educação, meio de validar a liberdade

criadora. Entende necessário o valor da arte no processo de construção do ser humano, sendo interessante levar a percepção e a observação para o ato da criação (idem).

Criatividade e a arte estão, geralmente, ligadas e deve ser observado com atenção o processo criador em seu jogo de ensaios e erros. Ainda segundo Duarte Jr. (1988,p.99), as definições de criatividade são classificadas em grupos: aquele em que a pessoa cria sua fisiologia e temperamento; o grupo dos processos mentais, intelectuais, atenção, memória, raciocínio e curiosidade sobre as situações encontrada no cotidiano, e o grupo do poder criticar, duvidar e questionar as situações que vivenciamos. Também isto aguça e pode despertar a criatividade. Outras possibilidades são as motivações e influencias do meio ambiente e do cotidiano, onde interagimos com a cultura e os costumes.

Visto que cada um de nós tem interesses diferentes em todas as áreas da vida, com a dança não é diferente. Para Ted Shawn¹ (in BOURCIER, 2001, p.260) os benefícios da prática de dança inicialmente foram indicados por seu médico para resolver problemas de saúde. Com Lia Rodrigues² aconteceu o mesmo. Seu pai quis que ela fizesse dança devido aos grandes benefícios como atividade física, entre outros bons resultados (IDANCANET, 2012).

Lia Rodrigues² cursava outras formações acadêmicas, contudo a dança continuava ali, paralela, como atividade extracurricular, sem grandes pretensões. Ela não parou mais, continuou seus estudos e formação na faculdade. Sem perceber, a dança foi ganhando espaço e proporção em sua vida. Hoje ela é ganhadora de vários prêmios em festivais. Então, inicialmente, em ambos os casos, o objetivo não era que eles se tornassem profissionais da arte, nem bailarinos. Mas é possível perceber, nesses exemplos, que a dança, entre outros benefícios, pode melhorar o bem-estar e a qualidade de vida.

¹Dançarino americano (usa) conhecido como "o pai da dança moderna". Primeiro estudou dança como terapia para tratar seqüelas de uma difteria. Dessa forma descobriu sua verdadeira vocação, tornou-se um famoso dançarino e coreógrafo 1891-1972,p.260 livro: Historia da Dança no Ocidente.

²Bailarina brasileira com uma carreira bastante robusta na área da dança tanto no Brasil, quanto fora do país também, a dança entrou na sua vida como simples atividade física. (in IDANCANET,2012)

Segundo Strazzacapa, (2006,p.45) Como organismos vivos, interferimos e somos influenciados para o bem-estar ou para o mal-estar, para o confortável ou para o desconforto, dependendo do dia e de fatores internos e externos. É um fluxo de energias ao mesmo tempo interno e externo, na relação com as pessoas, com o espaço, a natureza, o clima, e a temperatura, etc, junto à influência da imaginação e da criatividade. Tudo mostrando que o poder da dança é o de se ver no mundo como possibilidade de transcender a realidade.

Quanto à dança e ao movimento, podemos investigar as articulações, com o toque das mãos e dedos buscar a sensibilização para descobrir o que ainda não tínhamos percebido em nossos corpos: “aquela” articulação a possibilidade de explorar um novo movimento. Movimento traz o conhecimento do corpo; portanto o corpo tem uma comunicação própria e necessita se expressar. De acordo com João Francisco Duarte Jr.(1988,p.104), “ao objetivar o sentimento, a arte permite ao expectador melhorar a compreensão de si, de seus padrões e da natureza dos seus sentimentos”. E que, em nível de planejamento, para que seja possível uma abordagem satisfatória e produtiva no processo de aprendizagem da dança, há que se levar em conta a individualidade e a corporeidade do sujeito que pretende dançar (idem,p.104).

Como avaliar na prática a dança como fator educacional, social, como evidenciá-lo, o que avaliar? Ou se quer formar por assimilação? Faz-se necessário fazer um mapa mental com a intenção de traçar e seguir um percurso, um caminho e, assim, visualizar o ponto que se pretende chegar. Segundo Roger Garaudy (1980), Ted Shawn entendia que a dança deveria estar dentro da educação escolar infantil acompanhando o sujeito até a universidade, e que ela era a raiz viva e carnal de toda cultura. É absurdo, dizia ele:

[...] levar a criança a uma sala de aula e dizer-lhe: agora, vou formar sua inteligência; depois levá-lo ao ginásio e dizer-lhe: agora vou formar seu corpo; para, em seguida, levá-la à igreja e dizer-lhe: agora, vou formar sua alma. O homem é único dividi-lo é mutilá-lo. Uma verdadeira educação deve formar, num mesmo movimento, um corpo pronto para agir com facilidade e prazer para poder exprimir e servir a uma vida voluntária, uma inteligência lúcida, acostumada a todos os mecanismos de pensamento e capaz, sobretudo, de definir os fins da ação da vida [...] (**GARAUDY**,1980,p.73).

É importante ressaltar que o estudante pode não ter, ainda, clareza e entendimento em sua dança. Então que ele possa observar, usar a consciência, o controle corporal e a percepção Duarte Jr,(1988,p.104), pois não é desejável que o estudante seja mero repetidor do movimento de outro sujeito. Dependendo das suas dificuldades, pode-se partir de um modelo pré-estabelecido, mas só como um início, depois se deve investigar as possibilidades criativas deste corpo na escola.

É importante incentivar o estudante a se conhecer melhor, a ousar e propor, a contextualizar e improvisar; a criar movimentos que tenham sua personalidade. Dessa forma ele será o autor de sua dança, recuperando uma memória corporal ao revisitar seus percursos de movimentos conscientes. Pois, segundo Duarte Jr. (1988,p.103) o conhecimento dos sentimentos que a arte possibilita pode ser ampliado na medida em que é possível repetir a experiência. Dessa forma, o estudante pode usar ou copiar passos e sequencias de dança de outras pessoas, mas acrescentar movimentos que expressem sua personalidade e realizar possíveis rearranjos, formulando novas versões.

5.3 Dançar de corpo e alma

A dança traz consigo da natureza do fazer e a possibilidade do sujeito se afastar de si. Duarte Jr. (1988,p.103) diz que a “lógica da linguagem é suspensa: eu vivo meus sentimentos sem tentar “traduzi-los” em palavras.” Diante desse pensamento entendo que ao mesmo tempo em que a dança me leva a esse afastamento de mim, também pode me levar ao meu encontro íntimo e intenso, um quase *êxtase ou transe*. Talvez esse “eu” seja pouco conhecido de mim e, por isso, pouco habitado, mas no momento de minha dança abre-se a possibilidade dessa imersão e conexão.

Para aquele autor, criatividade, e imaginação têm o poder de levar a um desprendimento da realidade existencial, do universo meramente físico, para *criar e fluir* um mundo onde o que importa são valores, sentimentos e significados. E arremata: “O que importa é simplesmente constatar que através da imaginação o homem transcende à *facticidade* bruta da realidade e o que não é, deverá ser”. Duarte Jr,(1988,p.100).

Segundo Duarte Jr. (1988,p.103), através da arte somos levados a conhecer nossas experiências vividas que escapam à linearidade da linguagem. Por isso não

interessa se minha dança é etérea e fugaz e que eu não consiga descrevê-la de modo que o outro possa compreender-me claramente. A meu ver, nem precisa ser - podemos vivê-la, pois dançar é sentir; podemos “experenciar a conexão corpo/espírito”, o que nem sempre as palavras podem explicar. Strazzacappa (2006,p.72) concorda ao dizer que a dança é a possibilidade desta percepção flexível, mais sensível e poética e, por isto, mais significativa com o mundo. Um aprendizado que somente é alcançado através e, por meio, do fazer-sentir.

As ligações são diretas entre corpo e a dança. Contudo, para que o sujeito possa desfrutá-la esteticamente e artisticamente, os corpos devem estar disponíveis e engajados de forma integrada nesse fazer-sentir-pensar.

6 DANÇAR NA ESCOLA

6.1 Bases conceituais

A educação, garantida pela Constituição Federal Brasileira como um direito social, deve ser prioridade em um país que tem em sua agenda um permanente futuro. Neste caso, as ações devem buscar o desenvolvimento social e os educadores deveriam ter consciência de seu papel na formação cidadã dos educandos.

No currículo do país, o papel da dança seria o de: aprender a elaborar conhecimentos de dança envolvendo sensibilidade, sentimentos, opiniões a partir de elementos afetivos, intuitivos sobre as pessoas e suas questões socioculturais, no mundo em que vivem, é prática que necessita tornar-se mais presente nas aulas em escolas Marques, (2011, p.15).

A dança na escola, como componente curricular, não tem a pretensão de formar bailarinos profissionais, contudo a palavra “dança” já causa diversas expectativas entre (e com) os estudantes e sua comunidade escolar. A meu ver, o brasileiro tem especial encantamento e envolvimento com a dança, pois é uma das atividades mais agradáveis e prazerosas do homem, além de estar presente na cultura do povo brasileiro, seja no carnaval, nas festas juninas e nas expressões regionais: frevo samba, boi bumbá etc.

Para Strazzacappa (2006,p.61) "aprender a trabalhar com a educação, com o social e com arte é aprender a lidar com a frustração e a paciência". No que concerne à dança na escola, faz-se necessário este trabalho de “*formiguinha*”, minucioso, detalhista, de paciência e de boa vontade por parte dos professores. Isto se ele quiser que haja um processo de conscientização dos estudantes, de sua comunidade e da sociedade quanto à relevância da dança na escola.

Dança é arte e um todo: pode e deve ser criação expressiva, emoção e sensibilidade. É conhecer-se e aceitar-se e, nesse processo, aprender a conviver e a aceitar o outro. Com a dança se envolve, e se desenvolve a afetividade, a ludicidade e a improvisação que a desafia a novos movimentos, aqueles que podem nos tirar da zona de conforto do corpo, no momento em que se dança:

O ponto de partida para o educador será então o mistério infinitamente atraente e árduo – o educando com todas suas potencialidades, capacidades a serem desenvolvidas harmonicamente e globalmente através dos estímulos que articulam o pensar, sentir, perceber, agir, expressar, reagir, respeitando, entretanto, as muitas diferenças individuais (componente genético) e vendo-o como ser social atuando e recebendo a educação pelo movimento (NANNI, 2008,p.9).

Enfim, é uma disciplina que oferta ao aluno um leque de especificações e possibilidades para explorar, contextualizar e aprender a se expressar criativamente, através de movimentos intimistas, no contexto da educação escolar. Por isto não deve ser algo de improviso ou sem preparo prévio. Essa necessidade de planejar, elaborar, conceituar *a priori*, deixando pouco espaço para o indeterminado (menos para o imprevisto), para o múltiplo e para o qualitativo singular sugerido pela condição contemporânea, poderia ser apontada como uma das causas de ausência de programas contínuos de dança [...]. Talvez não estejamos ainda preparados – ou direcionados – para trabalhar disciplinas que exijam outro tipo de filosofia educacional... Marques, (2011,p.59).

Há que se levar em conta, então, a existência de uma proposta que permita a conscientização e o aprendizado de movimentos para/com os estudantes, no qual o professor não traz um movimento pronto para os alunos copiá-lo ou repeti-lo em seus corpos. É necessário que esse movimento seja construído em (e no) corpo do sujeito, apropriando-se de uma totalidade. Será este "corpo-mente-intenção-memória" que se colocará disponível para se envolver com a dança, a partir de uma sensibilidade e corporeidade específica. Strazzacappa (2006), citando uma conferência na qual esteve presente, apontou que “trabalho pioneiro é o que fazemos”:

Trabalhando com dança temos a impressão de estar sempre começando. Trabalhando com educação, essa mesma impressão se confirma. O campo da arte é árido. Só trabalha com dança e educação aquele que acredita que o sonho ainda é possível Strazzacappa, (2006,p.61).

Em minhas aulas, solicitei aos alunos que buscassem ousar-criar, construir espaços nas articulações musculares para encontrar outras formas de movimentação. A partir de células de movimento, construí frases com esses

movimentos, aventurando-me na improvisação a partir de imagens mentais. Pedi que não se constrangessem com o feio, o belo, o certo e o errado. Mas que se permitissem explorar, como em um laboratório de pesquisa, o “seu” movimento. Pois, disse e refleti com eles sobre a idéia de que nada se perde, tudo se transforma, rearranja e constrói numa dança. E que esse novo movimento pode ser adaptado, de acordo com e em colaboração com o grupo.

Buscava-se, neste momento, a aprendizagem motora e a compreensão corporal:

a) Aprendizagem motora deverá se voltar para o enfoque do saber sentido-experiência e não do saber intelectualizado, academicizado:

ex: “Aprende” a fazer fazendo.

b) Importância da compreensão dos limites corporais é importante para a estruturação, trabalho psicopedagógico:

Esquema corporal – reconhecimento do corpo e sua relação com o mundo;

Imagem corporal – representação mental do corpo que conhece como figura;

[...] Vivências variadas com o corpo reforçariam as dimensões corporal. Nanni, (2008,p.21).

Em uma aula que tivemos na Licenciatura em Dança/CBRA, a professora nos pediu para dançar movimentos os mais feios possíveis. O objetivo era a liberdade de experimentação sem preocupação estética com o belo no movimento. Fiquei encantada em poder me expressar assim, pois tenho dificuldade em dançar em frente ao espelho. Nossas salas de aulas, quase todas, têm ótimos espelhos, mas eu raramente os usava. Talvez por dificuldade em me coordenar com a imagem refletida, não sei bem.

Contudo, para meus colegas e alunos era diferente: o espelho tem algo encantador, pois gostavam de se movimentar em frente a ele. No entanto, no dia da aula da “dança feia” percebi que a maioria dos colegas ficou desconcertado com o pedido. Não percebi nenhum colega à vontade nessa experimentação. Mas eu a fiz com muito gosto. Senti liberdade e intimidade com meus movimentos, sem a preocupação se estavam certos ou errados, se era assim ou assado.

A meu ver, tem indivíduos que são mais sensíveis e não gostam de ser observados, pois se sentem encabulados e desencorajados, mesmo numa sala de aula. Tímidos e sem graça quando têm que apresentar trabalhos solo para o grupo; para muitos, falar, dançar ou qualquer outra atividade em que eles estejam em

evidência os deixa em sofrimento. Então, num ambiente de sala de aula/dança não é diferente.

É importante que o professor perceba esse aluno e procure ajudá-lo, de forma que consiga fazer o trabalho sem sentir-se pressionado pela turma e/ou pelo professor. Daí a aula ser preparada e voltada ao básico: o movimento, a aprendizagem motora e a compreensão da sua corporeidade. Ao mesmo tempo há indivíduos que amam estar em evidência e até se sentem estimulados e revigorados com a presença de expectadores. Percebem a troca de energias com a platéia e se sente bem em suas apresentações. A esses, o básico já é o máximo.

6.2. Deixar dançar: a relação ensino-aprendizagem

No contexto atual, como fundamentar o itinerário pedagógico e educativo da dança? Segundo Érica Verderi (2009,p.72),a relação professor-aluno deve ser construída de acordo com as necessidades do educando. Cabe ao professor perceber e descobrir a importância das coisas a serem apresentas aos estudantes. Essas deverão ser necessárias e de interesse dos educandos. Somos importantes quando aquilo que apresentamos para nossos alunos se torna importante para eles:

[...] sob o enfoque educacional, é de extrema importância para o desenvolvimento físico, mental, afetivo e social do ser humano. Através da Dança, a criança tem a oportunidade de desenvolver suas capacidades expressivas e criadoras, conseguindo adquirir maior domínio dos seus gestos, bem como de suas atitudes. Ela é uma das mais poderosas formas de comunicação e expressão, é uma linguagem universal e que faz parte da cultura da humanidade. Coqueiro (et ali,2010,p.498).

É necessário ordenar as prioridades em cada espaço/ambiente/ estudante, com suporte e orientação, evitando frustrações que possam interferir ou minar o processo de aprendizagem. Para isso, deve-se ter sempre uma base de apoio nas intervenções para resolver e acudir possíveis imprevistos. Buscando soluções criativas para as possíveis dificuldades, fazendo os ajustes necessários com as turmas. Pois a dança é viva e se reinventa e rearranja a cada novo grupo de indivíduos e seus movimentos corporais que são, ao mesmo tempo, culturais e pessoais.

Para Verderi (2009,p.109) a dança na escola proporciona aos estudantes o contato com o novo: a possibilidade de improvisação e interpretação. A criação de um novo movimento ou do movimento não experimentado; da não-necessidade de modelos a serem repetidos ou copiados. A intimidade e conexão com a imagem corpo-alma, a expressão, o sentimento são modelos únicos que precipitam a sensibilização e a experimentação do movimento com, e no corpo.

Ao oferecer aulas de danças na escola, no cotidiano dos estudantes, meu desejo era abrir uma fresta nas janelas de interesse do aluno, para conhecê-lo, e refletir sobre o que ele sente. Segundo o PCN-ARTES (1998,p.28): “A obra de arte revela para o artista e para o espectador uma possibilidade de existência e comunicação, além da realidade de fatos e relações habitualmente conhecidos”.

As aulas de dança que queria, então, teriam o objetivo de arte-dança, ou seja: deixar fruir o conhecimento e a pesquisa, assim como a sensibilização; desenvolver um olhar artístico sobre os desafios do cotidiano do aluno. E, dessa forma:

[...] oferecer sugestões e subsídios para uma ação pedagógica criativa, utilizando elementos de expressão artística e corporal. O professor participa [...] resgatando por meio da Dança o corpo que fala, representa, chora, ri e pensa. [...] Entende-se a atividade não como um “curso de balé” a ser aplicado nas Escolas currículo escolar, mas, sim, como agente libertador que dinamize a criatividade do professor, proporcionando-lhe um desempenho mais harmônico, para atuar junto ao aluno em vários níveis como: disciplina, coordenação motora, postura, concentração e criatividade. Coqueiro (et ali,2010,p.502).

Como professora de dança na escola pública queria encorajar os estudantes a criar e a se desafiar, sair da zona de conforto e buscar em si as emoções que permitissem criar e, de algum modo, provocasse um novo movimento consciente. Verderi (2009,p.17) entende que esta é a função do professor-mediador: aquele que provoca situações em que o estudante utiliza seu corpo por inteiro, descobrindo por meio de experimentações e vivências as ações que dele possam emergir.

Dançar é expressar a emoção que, muitas vezes, não é possível dizer com palavras: é afeto, tristeza, descontentamento, raiva... Enfim, a dança na escola teria o objetivo de valorizar a individualidade de movimento do sujeito, mas ao mesmo tempo lhe permitir celebrar a integração, a colaboração e a fraternidade em movimentos dançantes. Sem a intenção de competitividade entre eles, no sentido de quem dança melhor ou faz o movimento mais bonito. O objetivo é que todos

encontrem em seu movimento sua identidade, e isto permita que interajam e dancem.

Sem competitividade, os desafios são íntimos e têm o objetivo de trazer à consciência o que é permitido e louvável, ousar experimentar movimentos diferentes e livres; movimentos baseados em suas vidas e cotidiano. Nesse momento o professor deve ser o mediador e facilitador que encoraja e estimula o estudante a se sentir seguro para criar movimentos a partir da flexibilidade, força muscular e equilíbrio pessoal. Com liberdade e criatividade, a observação deve levar o sujeito a perceber que está construindo um corpo-movimento. O objetivo não é o de observar e copiar o colega. Embora haja momentos que esta cópia é bem-vinda e de grande ajuda, seja na criação ou na confraternização e partilha entre eles.

Esse aprendizado é diferente de sujeito para sujeito, pois, cada corpo tem seu grau de facilidade ou dificuldade específico; o aprendizado não é linear. Aconteceram aulas que foram bastante produtivas, e renderam material de pesquisas para movimentos criativos nesse laboratório de experimentação e prática de ensino. Trabalhamos a improvisação usando a linguagem dos movimentos (cognitivo – motriz – corporal). Em outros dias, as aulas não renderam praticamente nada. Faz parte da complexidade corpo-mente: somos orgânicos e nos surpreendemos com nossos avanços no aprendizado e, por vezes, com nossos momentos de bloqueios e estagnação. Sendo assim, é importante que sejamos flexíveis, pacientes, generosos e afetuosos com nós, e com o outro indivíduo nesse processo de aprendizagem e criação.

De acordo com minhas observações, o nosso processo de memorização e aprendizado é cíclico, com alternância de rendimentos significativos e outros nem tanto. É importante deixar claro para o educando que a dança na escola não é espetáculo. Para tanto, no processo de pesquisa e elaboração de movimentos, deve-se mostrar que ele pode - a qualquer momento - entender o “como fazer e chegar lá”. Esse clique (*insight*) de aprendizado pode acontecer a qualquer momento no que tange ao movimento e à dança. A busca é que orienta e organiza esta atividade, pois conhecer e agir, buscar e aprender conhecimentos se dá em níveis diferenciados.

Para alguns estudantes, quando dão início a essa descoberta e potencialidade que faz seu corpo fluir em movimentos, é como se eles encontrassem a ponta de um novelo. Daí é só puxar e desenrolá-lo que, às vezes, acontece

crescimento vertiginoso. Essas pessoas passam de um momento de esforço, de energia e concentração para um momento eufórico de alívio e contentamento. Uma mola propulsora para a continuação de sua dança e de uma nova atividade. É necessário tempo razoável de ensaio e apropriação, para que os corpos comecem a adquirir memória de movimento corporal. Para Dionísia Nanni (2008), é necessário a conexão de circuitos mentais que conduzem as informações motoras até à conscientização, concretizando a realização e a condução do movimento na dança. Assim, esta

[...] ação motora implica na participação de todo o organismo - receber informações do meio ambiente externo e interno processar essas informações e produzir ações motoras observáveis como resultado da integração de processos cognitivos-afetivos-social e motor. Como produto temos o comportamento motor observável. Nanni,(2008,p.10).

Em minha percepção, o ser humano é por natureza um animal curioso; interagimos e interpretamos o mundo a partir de nossas observações, sensações e emoções. Acredito que as artes, (dança, música, teatro, pintura entre outras...) têm um papel importante como integração do indivíduo e nossas intrincadas relações sociais. A convivência social é uma via dupla, onde afetamos e somos afetados. A dança na escola é movimento, só se aprende a fazer, fazendo; refletindo, contextualizando e valorizando a expressão e o autoconhecimento. Talvez seja essa a sua na construção de sujeitos mais independentes e autoconfiantes.

6.3 Dança no currículo escolar oficial

Strazzacappa (2006) observa que a dança é historicamente a última na lista das linguagens artísticas presente na escola. Artes visuais, música e teatro costumam a anteceder. De acordo com a Lei nº 9.394/96, que define as Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), em seu § 6º, as artes visuais, a dança, a música e o teatro são as linguagens que constituem a componente curricular “Artes”. Assim, é importante oferecer aos estudantes possibilidades de conhecimento em arte e valorizar seu envolvimento na construção do indivíduo.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) foram desenvolvidos como subsídios para o planejamento didático e possuem cadernos específicos para o

ensino daquelas componentes artísticas. No que diz respeito ao ensino fundamental o PCN afirma:

[...] a escola pode desempenhar papel importante na educação dos corpos e do processo interpretativo e criativo de dança, pois dará aos alunos subsídios para melhor compreender, desvelar, desconstruir, revelar e, se for o caso, transformar as relações que se estabelecem entre corpo, dança e sociedade. Nos terceiro e quarto ciclos, essa função da escola torna-se ainda mais relevante, pois os alunos já começam a mais claramente tomar consciência de seus corpos e das diversas histórias, emoções, sonhos e projetos de vida que neles estão presentes. (Parâmetros Curriculares Nacionais ensino fundamental (1998,p.70).

Acredito que a dança na escola contribui para que os estudantes tenham conhecimento de danças nacionais e de outros países que fizeram e fazem parte da constituição cultural da humanidade. Para Strazzacappa (2006,p.77) . A dança ainda não conseguiu proporcionar a equivalência de enfoque nas diversas linguagens artísticas na educação escolar. Mesmo a dança sendo uma das mais antigas das manifestações artísticas do homem e esteve, historicamente, pouco presente nas escolas e principalmente no ensino de arte. Gradativamente, vem conseguindo alcançar espaço no âmbito escolar, embora esteja sempre se deparando com problemas metodológicos e conceituais

Os processos de ensino-aprendizagem continuam sendo possíveis pela ação de pessoas apaixonadas, que acreditam na dança e que reconhecem a dança como uma área de conhecimento, logo, como um saber importante e essencial na formação do cidadão. [...] aqui a palavra apaixonada não pode ser vista no sentido *pejorativo* [...] do termo, mais como dedicação e crença. Tanto na fala de palestrante quanto na das crianças, era possível identificar a motivação primeira que impulsiona as ações de dança e pela dança – a paixão. Strazzacappa,(2006, p.62).

Com a LDB, e a oferta da dança na escola traz também possibilidades de conhecimento em arte e valoriza o envolvimento na construção do indivíduo. Na dança, ao atribuir movimentos, dinâmicas, gestos, formas, ritmos, sons, para que, os estudantes do ensino fundamental (anos finais) sejam participativos e criativos, incentivar a autonomia para o questionamento de si, como sujeito atuante na contemporaneidade.

A LDB aponta ainda os objetivos do ensino fundamental que deverá durar 9 (nove) anos, tendo início aos 6 (seis) anos de idade: a formação básica do cidadão. O estudante deverá compreender o “ambiente natural e social, do sistema político,

da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade” (art. 32, II).

Para Strazzacappa (2006,p.75) a dança em sua gênese é arte, mas está incluída no âmbito da educação física no contexto escolar. Hoje, temos um número considerável de graduados em licenciatura em dança aptos a assumir a dança nas escolas. Dança e educação física têm o enfoque no movimento, contudo cada área tem suas especificidades, ambas são independentes na modalidade e objetivos. A dança, como arte, busca a expressão individual de pensamentos e sentimentos, desenvolvendo a psicomotricidade, que é uma percepção para gerar ações motoras que influenciam os fatores intelectuais, afetivos e culturais.

7. 410 NORTE

7.1 Centro de Ensino Fundamental 410 Norte

O Centro de Ensino Fundamental 410 Norte situa-se na SQN 410, Área Especial – Brasília/DF. Anteriormente era uma escola - classe, não contando com espaços privilegiados. Ou seja: as salas de aulas são de pequeno porte (43,74 m²) e não há refeitório ou quadra poliesportiva. Os alunos que frequentam a instituição residem nas imediações –em minoria - ou em cidades satélites vizinhas como Paranoá, Varjão, Sobradinho e Planaltina. A escola atende atualmente a 485 estudantes nos turnos matutinos e vespertinos.

A CEF 410 Norte foi criada em 07 de novembro 1974 para receber estudantes do pré-escolar à 4ª série. A partir de 1992, passou a receber estudantes de 5ª e 6ª série e, em 1995, recebeu estudantes de 5ª a 8ª série, nos turnos matutinos e vespertinos; no turno noturno atendia estudantes da Educação de Jovens e Adultos (E.J.A.), anos finais do Ensino Fundamental. Estas mudanças no atendimento se deram pelo decréscimo na procura local –Plano Piloto - e devido à demanda das cidades-satélites de ofertar os anos finais do Ensino Fundamental.

De acordo com o PPP – Projeto Político Pedagógico a escola dispõe de duas instituições: a APM *Associação de Pais e Mestres do CEF 410 Norte* e o Conselho Escolar. A APM é uma entidade civil sem fins lucrativos e com personalidade jurídica própria, cujo objetivo essencial é “integrar a comunidade, o poder público, a escola e a família, buscando o desempenho mais eficiente do processo educativo”. O Conselho Escolar é composto por um membro de cada segmento, representante dos estudantes, segmento pai, mãe ou responsável, segmento carreira do magistério e segmento carreira assistência e educação.

Conforme cita o PPP há um diagnóstico da realidade escolar da CEF 410 em que se destaca que seus estudantes são originários das imediações e advindos das mais diversas Regiões Administrativas do entorno de Brasília: a maioria das Regiões Administrativas (RAs), RIDE (Regiões Integradas de Desenvolvimento Econômico) comunidades carentes e uma parcela menor dos transferidos de escolas particulares. O PPP justifica a multiplicidade de sujeitos educandos e a diversidade do trabalho escolar devido essas características didáticas e sociais.

Os docentes têm que administrar conflitos diariamente devido às adversidades geradas seja pela desigualdade social ou por terem diferentes faixas etárias nas salas por falta de oportunidades, inversão de valores, além do crescente aumento do número de alunos com necessidades educacionais especializadas (ANNE'S). No total de 491 alunos, destes 50 são ANEE (PPP,p.22).

A escola tem multiplicidade social que é refletida em seu cotidiano: conflitos e dificuldades familiares acompanham os estudantes até a escola. Dentre eles: o rendimento e o interesse além de afetar direta e indiretamente o comportamento escolar. O PPP cita, no diagnostico escolar, que:

[...] a diversidade social que compõe a comunidade escolar é refletida no dia-a-dia. Problemas familiares como: ausência, desemprego, influências negativas da mídia, gravidez na adolescência (3 casos em 2016), entre outros, afetam direta e indiretamente o comportamento dos educandos (brigas, pequenos furtos, indisciplina, desinteresse). Professores e demais servidores desta instituição escolar, apesar do compromisso com suas atribuições, demonstram cansaço e desmotivação. Daí a necessidade imediata de desenvolver projetos e oferecer cursos a esta comunidade visando o resgate da autoestima, de valores, a importância do respeito mútuo, proporcionando um ambiente propício à aprendizagem significativa e à qualidade de vida. (PPP, p,9).

Este documento também descreve a função social do Centro de Ensino Fundamental ao afirmar que é uma escola “aberta à diversidade e às suas especificidades, ritmos, habilidades, necessidades e capacidades individuais”. Colabora com a adequação do currículo escolar para atender as necessidades dos estudantes, e para ofertar oportunidades de inclusão social, cultural e artísticas que possam contribuir para as interações e os afetos entre as pessoas.

Acreditando que os estudantes são sujeitos transformadores de sua própria aprendizagem, o Centro de Ensino teria por missão oferecer ensino de qualidade e validar “a importância cognitiva, afetiva e psicossocial dos educandos”, considerando que, em futuro próximo, serão cidadãos, devem ter valores como respeito, ética, comprometimento e responsabilidade:

Para isto se propõe a criar ambiente de convivência pacífica no qual se destaque “o respeito nas relações interpessoais e com o meio ambiente”. (PPP.p,14). A CEF 410, também observa que é de extrema importância que os estudantes compreendam a conjuntura mundial e brasileira. Que entendam a necessidade de serem “agentes atuantes e cidadãos conscientes de seus direitos e deveres, e tenham igualdade de

oportunidades”. E partilhem da cultura de respeito às diferenças, à colaboração fraterna e amor ao próximo. E a prática escolar visaria a colaboração e a participação da comunidade para reforçar os laços de interdependência. (PPP,p.15).

7.2 A dança no Centro de Ensino Fundamental 410 Norte

Antes do projeto da dança na escola Centro de Ensino Fundamental 410 Norte, o conhecimento dos estudantes sobre o tema era precário. Isso foi diagnosticado durante as aulas iniciais do Projeto PIBID/CAPES da Licenciatura em Dança do IFB, realizado no segundo semestre de 2016. Percebeu-se que existia preconceito por parte de alguns meninos que diziam que homem não deve dançar, pois é coisa de menina ou preconceito em relação a algumas danças, especialmente às de matrizes africanas. Geralmente elas são equivocadamente associadas à religiosidade e ao misticismo.

É necessário combater pressupostos de “verdades absolutas” e diminuir o preconceito; é preciso fomentar a tolerância entre os estudantes, ampliar seus saberes e pensar em possibilidades de construir e desenvolver a tolerância. Isto valoriza o respeito à convivência e os afetos no ambiente escolar, respeitando as diferenças entre os sujeitos no que se refere às histórias pessoais, familiares e culturais. Diante da constatação, e tendo em nota estes valores, preparei aulas teóricas que contextualizassem a origem da dança e dos movimentos que a compõem. Pois:

O homem é considerado um sistema aberto em reestruturações sucessivas, em busca de um estágio de evolução nunca alcançado por completo. Estágios envolvem períodos de formação (gênese) [...] constante e a transição de um estágio a outro a lei de implantação análogo ao processo de integração. Nanni, (2008, p.3).

Meu estágio foi desenvolvido em parceria com mais três colegas: Katyssinara Ramos, Maria Diana e Raquel Borges. A experiência de compartilhar idéias e montar planos de aulas em encontros de coordenação e com as colegas, para depois experimentá-las em aulas práticas, foi muito bacana, pois podíamos ter e dar “feedback” nas aulas umas das outras quase diariamente. Essas conversas com as colegas foram de grande importância nas minhas aulas, já que todas tinham objetivos comuns: desenvolver habilidades e competências em docência. Discutíamos dúvidas e desenvolvíamos caminhos e estratégias para melhorar

nossas aulas, de modo que fossem mais prazerosas e divertidas para os estudantes e, dessa forma despertar o interesse e o gosto pelas aulas e atividades. As observações e avaliações podiam ser feitas quase momentaneamente, durante ou no final das aulas; discutir o que funcionou e o que não funcionou. Quase sempre atuávamos em duplas e, se necessário, tínhamos liberdade de intervir uma na aula da outra, colaborando com ela ou com os estudantes.

As turmas eram grandes, uma média de 30 alunos por sala, e a sala era pequena. Ministrar aula sozinha para turmas grande não é uma tarefa fácil, pois é preciso dar atenção individual àquele que está com dificuldade. O rendimento dos alunos fica prejudicado. Eu saía com a sensação de: “Gostaria de ter feito mais por aquele estudante! Dessa forma seria mais fácil a compreensão daquele movimento; ele teria mais rendimento e aproveitado mais a aula”.

Meu primeiro contato com a escola foi para conhecer o professor Diego Faria Fernandes, nosso supervisor, a direção e o espaço físico da escola. Foi tudo novidade para mim. Também foi algo novo para a escola que até então não tinha dança incluída em sua grade curricular. Marcamos outra reunião, dessa vez com mais três colegas bolsistas do projeto PIBID: Maria Diana, Katyssinara Ramos e Raquel Borges. Assim pudemos colocar os assuntos mais importantes e imediatos para iniciar nossas aulas de dança. Fomos muito bem recebidas pelo supervisor, com muito respeito e boa vontade para o nosso trabalho com dança. Fizemos mais duas reuniões eu e as colegas, pudemos colocar os assuntos mais importantes e imediatos para iniciar nossas aulas.

A escola CEF 410 Norte era conhecida no meu curso e na faculdade, são vizinhos. É só atravessar a rua e andar alguns metros que chegamos lá. No segundo semestre do meu curso, na disciplina Didática, ministramos uma aula com os estudantes desta escola. Nesse dia a direção da escola manifestou o interesse em ter mais aulas de dança. Contudo, passou quase dois anos até a nossa chegada com o Projeto PIBID. Começamos juntos, estudantes de Licenciatura em Dança e a CEF 410 Norte, no Projeto PIBID. Embora fosse uma experiência nova para todos nós, tínhamos prazer no desafio (alegria e dor), vivendo conflitos sobre caminho a ser trilhado como encontrar espaços e possibilidades em dança com os estudantes do ensino fundamental. Sermos os primeiros a inserir dança na escola tinha um lado bom, os próximos professores que vierem para a escola, vão encontrar a disciplina já conhecida dos estudantes e poderá dar continuidade às aulas, pois, os estudantes

teriam uma base e os princípios fundamentais da disciplina. Encontrariam uma sala disponível para a prática em aulas de dança.

Nosso supervisor, Diego, foi muito importante nesse processo de inserção, pois os alunos gostavam muito dele. E ele estava sempre disponível para conversar e tirar dúvida dos estudantes, além de atendê-los com muita boa vontade e carinho. Certo dia, conversando com ele, lhe disse que sua relação com os alunos era muito bacana, pois havia carinho, respeito e boa vontade dele com os estudantes. E que parecia que os estudantes viam nele a figura de um irmão mais velho e querido, pois o ambiente entre eles era de confiança. Mesmo porque o Diego ainda é muito jovem, não parecia ter mais que 28/30 anos.

Fizemos a primeira aula, para nos apresentar, na área externa da escola, no gramado embaixo das árvores. Estava um dia lindo, sol quente e calor, e essas aulas ao ar livre me trazem enorme prazer e alegria. Acredito que é uma oportunidade para os estudantes conhecerem novas possibilidades em novos ambientes.

Foto 1: área externa da escola CEF 410



Foto 2: área externa da escola CEF 410



Foto 3: aula na área externa do CEF 410



Depois, a escola disponibilizou uma sala comum (43,74m²) para o “Projeto Dança”. Colocávamos os móveis (carteiras/mesas) na área externa da sala, durante as aulas e só retornávamos com os móveis no final do dia. Aos poucos, a dança ia assumindo espaço como direito dos estudantes e um dever da escola. Como cita a Lei nº 9.394/96, que define as Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, art. § 6º) a dança deve estar no cotidiano dos estudantes na educação básica.

Foto 4: na sala de aula do Projeto Dança (43,74m²)



Inicialmente, alguns estudantes tiveram resistência com a dança e não tinham interesse em dançar ou se movimentar, nem de conhecer danças de outras culturas. A maioria só conhecia os estilos que circulam na mídia comercial, exibidas todos os dias em programas de TV ou na internet. Os ritmos pelos quais mais se interessavam eram os de danças urbanas ou dança de rua, como: funks, break, batalha e passinho, entre outras que seguem um mesmo estilo. Com as primeiras aulas, percebi que alguns alunos iam mostrando interesse e boa vontade; que conseguiam aprender se divertindo, o que levava a que contribuíssem com a pesquisa de novos movimentos, demonstrando facilidade, fluidez e criatividade.

A escola tem uma programação especial de encerramento do ano letivo, com atividades diversas que envolvem estudantes e famílias. O tema escolhido para 2016 foi o Dia da Consciência Negra. Então começamos a preparar aulas teóricas e práticas voltadas para o tema. Levantamos hábitos, costumes e tradições Afro, no

Brasil, com a intenção de preparar uma sequência coreográfica para apresentação dos estudantes do final do semestre.

Foto 5: da apresentação no pátio da escola no final do semestre



Foto 6: da apresentação no pátio da escola final de semestre



E assim as aulas foram acontecendo, uma vez por semana, com os estudantes de acordo, entendendo e assimilando os temas/movimentos. Sempre começava a aula retomando o conteúdo da aula anterior. Comumente, fazia a abertura da aula com uma pergunta: o que fizemos na aula anterior? Com essa pergunta, ficava visível que alguns deles não lembravam o que combinamos para o dia. É interessante, pois a partir da resposta correta dos estudantes, podia-se reforçar e agradecer-los.

Acredito que essa forma de distinguir pode ser percebida pelos estudantes que não lembram o tema, sem que se sintam negativamente observados e cobrados. A intenção era incentivá-los a serem mais participativos, interativos e interessados nas aulas, e não deixá-los encabulados e constrangidos. A partir das respostas corretas, agradecia a contribuição e falava brevemente da aula anterior. Sempre destacando a importância de relembrar a aula anterior, pois o intuito é o de que os alunos tenham uma sequência tanto teórica quanto prática.

A meu ver, a interação no aprender é mais agradável e divertido, já que esse era o objetivo do trabalho. Procuro sempre dizer aos alunos: “isso mesmo, muito bem, ótima observação, foi isso mesmo que fizemos na aula anterior”. Pois na turma sempre tem aqueles que gostaram mais de uma aula do que outros, e por isso, conseguem se lembrar. Já o incentivo auxilia na estima pessoal ao ajudar os colegas, refrescando-lhes a memória. Entendo que esse início é fundamental para retomar de onde paramos, sempre que possível. Vejo mais um ponto positivo nesse momento: aqueles alunos que não gostaram da aula, ou são mais agitados, inquietos ou rebeldes, poderão ver que suas atitudes e comportamentos não foram incentivados ou reforçados pelos colegas.

Começamos o semestre ministrando aulas de dança para todos os alunos da escola, e esse início foi bem complicado, difícil e delicado. As turmas tinham em média 30 alunos, e todas as turmas foram contempladas com aulas de dança. A escola é pequena e não tem espaço adequado para aulas práticas, daí a idéia de algumas aulas serem realizadas na área externa, no gramado. Depois, a escola tirou os móveis e disponibilizou uma sala comum para o projeto.

Fomos os primeiros professores a ministrar aulas de dança na 410 Norte. Dessa forma, a dança chegou para os alunos como uma disciplina curricular, como as outras, e não como oficinas ou disciplina optativa. Alguns alunos entendiam que só deveriam fazer as aulas de dança quem quisesse e não a turma toda. Por vezes

os diretores da escola, Charles e Mira, tiveram que intervir para conversar com os estudantes. Esclareciam que, devido ao espaço escolar pequeno, e por eles terem poucas opções de atividades, era importante a oportunidade. Portanto, contaria com a colaboração de todos para que as aulas pudessem acontecer dentro da normalidade e em clima agradável, reafirmando a importância de valorizarem a oportunidade de terem aulas de dança.

Durante o período de um ano, entre 2016 e 2017, em que as aulas foram acontecendo, pudemos ver alunos que antes tinham resistência, aos poucos, se envolvendo com as atividades. Eles tiveram movimentos corporais bastante significativos. É preciso conhecer melhor a dança para poder dizer se gosta ou não. Vi algumas sementinhas germinando e, para uma professora ver sinais de interesse dos alunos na disciplina, ainda que pequeno, é um sinal de que vale a pena continuar. E de não desistir de nenhuma criança, mesmo porque todas têm seu tempo de despertar o interesse e o desejo de aprender.

Iniciamos o ano de 2017 com novas turmas. No primeiro dia, fizemos uma atividade simples de apresentação aos alunos para conhecê-los melhor. Sentados no chão, em roda, corrigindo a postura corporal, com exercícios de respiração e visão periférica. A aula foi finalizada com todos caminhando pela sala e usando os exercícios que experimentaram e fizeram sentados. Caminhando na sala e combinando as atividades com caminhadas nos tempos normal, lento e lentíssimo, com a postura corporal e atenção na visão periférica para que ninguém esbarrasse no colega.

Em outra aula, começamos a introduzir a musicalidade, observações e possibilidades de tirar sons do corpo, batendo com a palma da mão um pouco côncava em partes diferentes da anatomia, e percebendo em quais partes os sons são iguais ou diferentes? Em seguida, exercício de ritmo com o objetivo de sintonia, de sincronia e de união com os colegas. Pude perceber que as atividades relacionadas com musicalidade, ritmo e sons eles gostam bastante, envolveram e participaram mais.

Algumas aulas não funcionaram como o planejado, porém fiz adaptações para que fossem mais bem compreendidas. Dessa forma poderia entender onde e como poderia melhorar na comunicação com os estudantes. Pois meu objetivo era o de que as aulas fossem mais prazerosas e divertidas. Aulas mais divertidas sim, pois tendem a ser agradáveis e fáceis de absorver e memorizar. Diante das mudanças

que fiz, pude perceber que, se uma das aulas não funcionou com uma turma, pode ser melhorada em outra.

Houve um episódio que retratou as perspectivas dos estudantes em relação à dança. Certo dia, resolvi refazer uma aula que não tinha dado certo; fiz marcas no chão para facilitar a compreensão e a orientação dos alunos. Marcação em X de onde era a origem do movimento. Disse a eles que precisava de oito alunos para a atividade. Não escolhi, pedi. Foi um susto porque a menina que mais atrapalhou a aula anterior se apresentou e disse que queria fazer a proposta. Fiquei surpresa sem entender a atitude dela. Perguntei: “tem certeza? E por quê?” Ela me disse que era uma boa garota e não uma menina ruim. Respondi: “Claro! Sei disso, o problema que você conversa muito, não presta atenção, e não quer fazer as atividades nas aulas”. Bom, a aula aconteceu de maneira satisfatória e a garota fez a proposta com muita boa vontade, interesse e rendimento. Eu disse a ela que fez muito bem, pedi que mostrasse e que auxiliasse os colegas que ainda tinham dificuldades. No final, ela me disse que gostou muito e que eu preparasse mais aulas assim.

Foi um dia muito especial e me deixou mais tranquila, por entender que cada dia é diferente do outro, para os professores e para os alunos. Temos nossos dias, e aprendi que o mais importante é criar um clima de paz, gentileza e tolerância com todos. Entendi que precisamos valorizar o desempenho e a ajuda dos estudantes, e seu envolvimento com os colegas em sala de aula. Essas atitudes tendem a aumentar à autoestima, o autoconhecimento, a responsabilidade, o comprometimento, a afetividade e a colaboração entre eles, e entre eles e os professores.

9 CONCLUSÃO

Os rios não bebem sua própria água; as árvores não comem seus próprios frutos. O sol não brilha para si mesmo; e as flores não espalham sua fragrância para si. Viver para o outro é uma regra da natureza. [...] A vida é boa quando você está feliz; mas a vida é muito melhor quando os outros estão felizes por sua causa.

Papa Francisco.

Com base em minhas observações, análises e vivências, somadas às discussões com os colegas de estágio, à participação dos estudantes e da direção da CEF 410, permito-me especular que:

1) Para a dança ter espaço nas escolas – em especial nas escolas públicas - não basta a legislação e o PPP o determinar. Deve-se incluir esta atividade no currículo de forma articulada às demais disciplinas, além de se contratar pessoas licenciadas na área;

2) Acredito que praticamente tudo está para ser feito quando se trata de consciência corporal do/e para o movimento na dança na escola. Ao destacar a experiência e a convivência com os estudantes da 410 Norte observei o desconhecimento sobre o que é a disciplina “Dança” como elemento cultural e educativo;

3) Foi visível a dificuldade que os alunos e a escola - nesta experiência – tiveram em aceitar determinados temas culturais que envolviam ritmos e estilos culturais diversos e de outros contextos que não o ambiente social em que alunos e professores vivem/vivenciam. Pois muitos deles acreditam que essas novidades são incompatíveis com a realidade social ou escolar;

4) Ficou patente o poder das chamadas “mídias sociais” na construção de gostos e desejos, pois os estudantes manifestavam preferência por estilos musicais e de danças que estão e são promovidas nessa mídia, com apoio das mídias eletrônicas (celular/smartphone, rádio e tevê), confirmando o poder de persuasão desses canais sobre o cotidiano e as pessoas;

5) Verifiquei que é importante criar modelos de aula a partir da realidade dos estudantes, mas com o objetivo de inserir novos pensamentos nessa discussão cultural. A diversidade pode mostrar contextos ainda desconhecidos do grupo social,

e nada melhor do que utilizar a dança para isto. Por meio dela podemos mostrar uma sociedade viva e que se expressa o modo por um modo especial de dançar, de cantar e de ser. Modo esse criado de forma comunitária na sociedade, e comportamentos preconceituosos são reforçados, muitas vezes, através da família e do ambiente escolar, refletindo como uma parte da sociedade vê a dança: um entretenimento que a banaliza.

Contudo, é possível reverter este quadro se considerarmos possibilidades e estratégias de intervenção que possibilitem formatos de aulas que adéquem ao seu conteúdo os hábitos e as necessidades da comunidade, num processo dinâmico de construção e desconstrução.

Acredito que foi isso que fiz e consegui, aos poucos e com a rotina escolar: estabelecer um clima de confiança, cordialidade e respeito que permitiu que o trabalho nessa escola fosse satisfatório para as partes. E como estagiária na educação escolar, consegui vislumbrar meu lugar neste mundo do trabalho ainda novo, novidade presente na dificuldade em conscientizar a comunidade escolar para esta “nova” profissão – professor licenciado em dança.

Mas o espaço e a carência dessa formação e disciplina existem, tanto que vêm sendo preenchida por licenciados em Artes ou Educação Física. Por isso pretendo, num futuro próximo, ministrar aulas de danças para crianças com até 5 anos de idade. Acredito que nessa idade elas estão mais disponíveis ao movimento e à dança; que se permitem ousar com ludicidade e criatividade. Essa é uma fase de descobrimento, de liberdade, sem a barreira de critérios e julgamentos. Dessa forma, quem sabe não cresceremos juntos, adultos e a sociedade do futuro?

10 REFERENCIAS

BOCK, Ana Mercês Bahia; Odair Furtado, Maria de Lourdes Trassi Teixeira **Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia**. – 14ª edição – São Paulo: Saraiva, 2008.

BOURCIER, Paul - **História da dança no ocidente**; tradução Marina Appenzeller. – 2ª. Ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2001.

DANTAS, Heloysa. **Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**/Yves de La Taille, Marta Kohl de Oliveira, Heloysa Dantas. – São Paulo: Summus, 1992.

DUARTE Junior, João-Francisco, 1953 –**Fundamentos estéticos da educação**, 2. Ed. – Campinas, SP: Papirus, 1988,

NANNI, Dionísia - **Dança Educação – Princípios, métodos e técnicas**. Rio de Janeiro: 5ª edição : Sprint, 2008.

STRAZZACAPPA, Márcia; MORANDI, Carla. **Entre a arte e a docência: A formação do artista da dança/ e**. – Campinas, SP: Papirus, 2006. - (Coleção Ágere)

VERDERI, Érica, 1965-**Dança na escola: uma abordagem pedagógica**. -São Paulo: Phorte, 2009.

MARQUES, Isabel A. **Ensino da dança hoje: textos e contextos**. - 6. ed.- São Paulo: Cortez, 2011

----- **Linguagem da dança: arte e ensino**. 1. Ed. – São Paulo: Digitexto, 2010.

MENDES, Ana Carolina. **Anotações de aula: estágio 4**. Data: 11/09/2017. Professora: Ana Carolina Mendes.

GARAUDY, Roger, 1913-1993d - **Dançar a vida**. Prefácio de Maurice Béjart ; tradução de Antonio Guimarães Filho e Gloria. Mariani. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

COQUEIRO, Nilza Pires de Souza; Dagmar Aparecia Cynthia França Hunger; Sandro Caramaschi. **A Dança na Escola: um sério problema a ser resolvido**. Disponível em <<https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/8356/WOS000284782500024.pdf?sequence=3>> acesso em 11/12/2017..

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. - São Paulo: Atlas 2003.

Lei orgânica do DF. Educação. Disponível em http://www.cre.se.df.gov.br/ascom/documentos/ppp_professor_carlos_mota.pdf> acesso em 12/12/2017.

Constituição - cap. educação LBD 1996. Disponível em <https://proap.ufabc.edu.br/images/PDF/Constituicao_Federal_de_1988_Capitulo_III_artigo_208.pdf> acesso em 12/12/2017.

BNCC – Ensino Fundamental. Disponível em <<https://cptstatic.s3.amazonaws.com/pdf/cpt/pcn/volume-07-arte.pdf>> acesso em 12/12/2017.

Parâmetros Curriculares Nacionais: arte/Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC / SEF, 1998.116p.1. Parâmetros curriculares nacionais. 2. Arte. Ensino de quinta a oitava serie. I. Título. CDU: 371.214. Disponível em <<http://www.cscjoseorso.seed.pr.gov.br/redeescola/escolas/6/480/681/arquivos/File/ANEXO4.pdf>> acesso em 27/04/2017

Leis de Diretrizes e Bases (LDB). Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm> acesso em 30/08/17.

PCN, Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: arte/Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997. 130p Disponível em:<<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro06.pdf>> acesso: 30/08/17.

PPP da escola Centro de Ensino Fundamental 410 Norte – Brasília – DF

LIMA, Dani; MOSÉ, Viviane. **Vídeo: Café filosófico** (Corpo e Dança) - anotações de aula, professora Ana Carolina, estágio 4- Data: 09/08/2017.

SILVA, Edna Lúcia da. MENEZES, Eстера Muszkat. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 4. ed. rev. atual. Florianópolis: UFSC, 2005, p.138.